

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

93

INSCRIÇÕES 416-419



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2012

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRI-GA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, todos os volumes estão também disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



PLACA VOTIVA DE *SALACIA*

Em Outubro de 2011, Justino Pedro, técnico da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, encontrou à superfície, isolado, na área do fórum de Salacia, o fragmento de uma epígrafe romana decorada com baixo-relevo, que foi retirado para o Museu Municipal Pedro Nunes, onde recebeu o número de inventário 5681 mnpn/2001.

De mármore branco cristalino do melhor que pode encontrar-se, por exemplo, nas pedreiras de Estremoz / Vila Viçosa, tem representação de uma árula moldurada, com inscrição, e, sob esta, uma ovelha, em cima de um plinto, de que apenas se tem uma porção – 18 x (33) cm –, com parte de duas linhas de inscrição. Dimensões totais do monumento: 52 x 34 x 10.

A árula, que se apresenta sobressaindo dum plano liso, mede 33 x 20/18,7/27 x 3,8 (do lado esquerdo) e 2,5 (à direita). Capitel com toros delineados (4 cm de diâmetro), de corolas nos topos; frontão triangular (4 cm de altura x 14,3 da base). Tudo está, porém, bastante deteriorado, de forma que pode pôr-se a hipótese de haver algum outro motivo decorativo em cima; nada, contudo, que indicie aí uma outra superfície epigrafada. No frontão, sugestão de duas linhas paralelas aos lados oblíquos, a terminar, no centro, em volutas singelas afrontadas. O capitel separa-se do fuste por molduração constituída por faixa directa, separada, por ranhura, de uma garganta directa. Campo epigráfico levemente rebaixado.

Lateralmente, à esquerda de quem olha, ladeando a ara, a representação de uma espécie de panejamento em jeito de grinalda a cair (9 cm de comprimento x 7 de largura), executado a buril. Não seria simétrica a eventual decoração do lado direito, mas não se enjeita a possibilidade de ter havido outro motivo decorativo.

A ovelha (23,5 cm de comprimento, 12,7 cm de altura máxima, 7 cm de largura do corpo, 3 cm na cabeça), como que caminha para a esquerda, sobre um plinto (27 cm de comprimento x 2 de altura), de cabeça baixa, dir-se-ia em posição submissa de quem pode ir ser sacrificado; não há, porém, devido ao desgaste, possibilidade de se saber se teriam sido representados olhos ou boca (estilização ou resultado do posterior desgaste?); chifres mui provavelmente não – por isso a identificamos como ovelha. Pormenorizadamente esculpida, ainda que, como se disse, haja sofrido algum desgaste: a lã finamente sugerida por traços na parte inferior do lombo; as patas de casco bem desenhado; rabo longo e lãzudo, caído ao longo das patas traseiras.

Campo epigráfico da árula: 17,5 x 19.

DEDICA/VIT // [Q(uitus)] · PORCI (vel POMPEI)]VS
(hedera) Q(uinti) · PO[RCI vel MPEI] / [LIB (ertus)] ·
[H]EMERO[S]

Dedicou Quinto Pórcio (ou Pompeu) Hémero, liberto de Quinto Pórcio (ou Pompeu).

Texto 1: Altura das letras: 3; espaços: 1 e 2: 0,8. Texto 2: Altura das letras: l. 1: 5,3 (Q = 6,8); l. 2: 3,8. Espaços: 1 e 2: 1,5; 3: 5,8.

Paginação muito cuidada, como pode deduzir-se da regularidade dos espaços interlineares. Hedera cordiforme: mede 3 cm o pecíolo (de desenho bem cuidado) e 3,5 o limbo, que tem de largura 3,2 cm. Ponto triangular, em forma de cauda de andorinha.

Caracteres monumentais quadrados: Q de haste longa e oblíqua; P aberto; M largo; R feito a partir do P; S simétrico e levemente inclinado para diante.

O cortado por um V pode ter três interpretações: tentou

corrigir-se um erro (O por V ou V por O) ou será OV em nexos. Além de inusitado, o nexo OV não se registou, pelo que se nos afigura ser mais consentâneo com o contexto ‘grego’ da inicial epigrafia salaciense, considerar que se grafou um antropónimo com terminação em *-os*, à maneira grega, e que, advertido o lapso, se procedeu à correcção. A seguir ao P, do O temos apenas a metade. Na l. 2, a reconstituição de um H antes do E cremos não causar dúvida.

Na face do plinto estará, portanto, a identificação do dedicante, cuja proposta de reconstituição será sempre condicional. Agradecemos a Juan Manuel Abascal a sugestão de que Q marcaria, sem dúvida, a identificação do *patronus* do dedicante, aqui com *duo nomina*.¹ Atendendo ao facto de *Salacia* ter sido *Imperatoria*, uma designação atribuída por Sexto Pompeu,² filho do Quinto, dito «o Magno», seria aliciante pensar que PO (do O temos apenas a metade) pudesse desdobrar-se em POMPEI. Partindo, porém, da hipótese de que a árula se encontra no meio do plinto; considerando que IRCP 187 refere *L. Porcius Himerus*, notável municipal; tendo em conta que a forma latina *Himerus* poderá ter derivado de *Hemerus* (do grego ἡμερος, doméstico, calmo) – a reconstituição *Porcius* não será também descabida e este seria, então, eventual antepassado de Lúcio.

Estamos, na verdade, perante um monumento de fino recorte estético, cujo contexto original há que procurar mediante o apoio de paralelos que porventura existam no mundo romano. Por estar omissa o nome da divindade,³ a epígrafe destinava-se a identificar um monumento votivo de vulto, porventura um templo, em cujo frontispício estaria incrustada, sendo a divindade protectora da criação de gado, nomeadamente lanígero. Hermes / Mercúrio quadraria bem, no contexto de uma cidade

¹ Tal se regista também em IRCP 182, igualmente de Alcácer: *M. Octavius Theophilus* presta culto a *Isis Domina* e declara-se liberto de *Octavia Modesta Moderatilla*. Trata-se de um artifício para associar expressamente os *patroni* ao venerando acto praticado.

² Vide, por exemplo, FARIA (António Marques de), «Novas notas historiográficas sobre *Augusta Emerita* e outras cidades hispano-romanas», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9(2) 2006 229.

³ ENCARNÇÃO (José d’), «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia* 2-3 1985-1986 305-310.

em que o comércio ocupou, sem dúvida, papel preponderante e a preparação das lãs salacienses, muito afamadas segundo a tradição,⁴ constituiu desde cedo grande mais-valia. O liberto manifestava, assim, a gratidão da família ao númen que muito contribuíra para a enriquecer. O relevo dado à forma verbal *dedicavit* denota a importância que se lhe atribui, a assinalar que se trata de dedicatória solene.

Uma datação do século I a. C. é deveras verosímil, pelo texto e pela paleografia.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MARISOL FERREIRA



⁴ SEPÚLVEDA (Eurico de) *et alii*, «Cerâmicas romanas do lado ocidental do castelo de Alcácer do Sal, 5: Almofarizes de produção bética, pesos e cossoiros», *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9(2) 2006 257-258.

FRAGMENTO DE LÁPIDE FUNERÁRIA DE *CONIMBRIGA*
(*Conventus Scallabitanus*)

Fragmento de placa funerária de calcário local, recolhido, nos anos 80 do séc. XX, nos terrenos a nordeste de Conimbriga, conserva-se, por inventariar [em 2012], no Museu Monográfico desta cidade romana.

Moldurada: duas breves platibandas, de 3 cm, definidas por filetes exterior e intermédio limitam o campo epigráfico rebaixado. O facto de exteriormente à moldura não haver vestígios de afeiçoamento a denotar preocupação geométrica leva-nos a pensar que se destinava a ser embutida por completo, deixando apenas visível o espaço epigrafado. Conserva-se um trecho da moldura superior, partido no ângulo direito, donde parte a quase totalidade da moldura vertical, que forma ainda o vértice inferior, restando pequena porção da moldura de baixo. Não há afeiçoamento na face posterior.

Dimensões: 50 x 85/90 [?]⁵ x (30).

Campo epigráfico: (?) x 37.

[DIS (*hedera*) MANIB]VS (*hedera*) / [...] RVFINI / [...] [S]ACERD/[...] [...]MO / [...]MO FE(*cit*)

Altura das letras: l. 1, 4 e 5: 6; l. 2 e 3: 5,5. Espaços: 1,5.

⁵ Tendo por extenso a consagração *Dis Manibus* com as *hederae*, podemos sugerir que o que se conserva é cerca de um terço da epigrafe.

Paginação que se pretendeu cuidada, pois se gravaram duas linhas de pauta para melhor enquadrar as letras em cada linha, e que pode ter obedecido a um eixo de simetria, se considerarmos a presença da *hedera* na l. 1 e o não-alinhamento à direita, mormente na l. 4; o espaço da última linha foi, contudo, mal calculado, obrigando a estreitamento da palavra FE(*cit*). *Hedera* elegantemente cordiforme, de pecíolo alongado e oblíquo. Não há possibilidade de saber que outra pontuação terá existido.

Caracteres de tipo monumental quadrado nas três primeiras linhas, assumindo-se de seguida alguma cursividade, motivada por deficiente cálculo prévio. O V é simétrico e aberto; S vertical e simétrico também; barras do F e do E bem horizontais; N amplo; C amplo; R claramente grafado a partir de P; D estreito, tal como acontece em relação às duas letras finais, notando-se no E uma espécie de compromisso entre o C e o E, como se o *ordinator* tivesse querido grafar FEC(*it*), num hipotético nexo não documentado. De resto, o próprio O revela-se oblongo e o M perde as características geométricas.

Afigura-se-nos plausível a reconstituição por extenso da consagração aos deuses *Manes*. A ser assim, trata-se, sem dúvida, de placa a ser colocada na fachada de um jazigo, hipótese tanto mais de considerar quanto a presença da palavra *sacerdos*, a qualificar, mui provavelmente, o defunto, implica estatuto social e económico elevado.

Ainda que o genitivo *Rufini* possa sugerir um patronímico, afigura-se-nos, pelo contexto e pela paleografia (a apontar para os primórdios do século I da nossa era), que o defunto virá identificado em genitivo, como que a marcar também a pertença do jazigo a ele e à sua família; aliás, outros testemunhos há desse hábito na epigrafia conimbricense. A primeira terminação *-mo* aponta, por seu turno, para um dativo e, inclusive, para adjectivo laudatório: *pientissimo, optimo*... Já idêntica terminação no fim, a preceder a forma verbal, preconiza mais um nominativo de etimologia grega – do tipo *Lucumo* – dado ter de registar-se aí a identificação do dedicante.

O cognomen *Rufinus* é demasiadamente frequente tanto na população indígena como na latina para que se possa atribuir ao defunto a pertença a um ou a outro estrato populacional. O

que, porém, torna relevante o fragmento é a menção a um cargo sacerdotal – *sacerdos* –, o primeiro documentado na cidade. Esta identificação não permite, todavia, atribuir-lhe funções num culto indígena ou romano, ainda que o mais natural seja que as tenha exercido a nível oficial, isto é, ao serviço de uma divindade do panteão romano ou do culto imperial.

VIRGÍLIO H. CORREIA
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



Foto: Humberto Rendeiro

PESO DE TEAR COM INSCRIÇÃO INDECIFRADA

O peso de tear DOR_94 3132, foi recolhido na 4ª campanha de escavações (6 de Julho a 5 de Agosto de 1994) no sítio arqueológico de Dordias, em Fonte Velha, freguesia de Pombalinho e concelho de Soure (*conventus Scallabitanus*), no quadrado XI45, 2º estrato, no ângulo NO da área escavada.¹

As escavações, iniciadas em Julho de 1991, prolongar-se-iam até Agosto de 1995 sem que tivessem sido postas a descoberto todas as estruturas arqueológicas na parcela onde decorreram os trabalhos. De acordo com os materiais recolhidos julgamos que a ocupação do sítio se estendeu desde finais do séc. I a. C. ao séc. V da nossa era.

O elevado número de pesos de tear recolhidos, tendo em conta a reduzida área escavada, num total de 104 exemplares, mostra por si só a forte actividade da tecelagem nesta estação romana. Infelizmente, devido a fracturas e/ou desgaste, apenas 25 pesos de tear permitem determinar com rigor as dimensões originais. Insere-se neste grupo o peso de tear que passamos a descrever e de que o arqueólogo responsável pelos trabalhos arqueológicos é, até à data, o fiel depositário, assim como do espólio então recolhido.

¹ Ver figura 2, pág. 95, de MONTEIRO, António J. Nunes, «Dordias (Pombalinho-Soure): Uma Estação Romana no Território da Ladeia», *Revista Portuguesa de História*, t. XXXI, Vol. I (1996), 77-98. Nesse mesmo texto se poderá ver representação da inscrição, marca e perfil.

3132 - Dimensões: 102, 62, 32 mm; um único orifício de sustentação com o diâmetro de 7 mm; peso: 280 gramas; fracturado em cerca de um terço do volume; forma de paralelepípedo de secção rectangular. Apresenta como marca de oleiro, incisa, na face superior do peso, um X apenas conservado em metade do seu tamanho. Numa das faces maiores, no sentido da altura, entre o orifício de suspensão e a aresta maior, ostenta em duas linhas uma inscrição cursiva gravada sobre a pasta fresca.

Fundamentalmente devido à erosão da zona epigrafada, não foi possível adiantar qualquer leitura e esse é o motivo não só porque ainda se não procedera à sua publicação epigráfica como por se ter optado, agora, em a dar a conhecer, a fim de assim a disponibilizarmos à comunidade científica, no intuito de se colherem sugestões para uma correcta interpretação.

Diga-se, desde já, que a primeira dificuldade que nos surgiu foi a da orientação, atendendo a que os caracteres estão grafados de tal modo que se nos tornou difícil optar. Damos uma, ao decidirmos apresentar desta sorte a imagem; contudo, não estamos seguros de ser essa a posição mais indicada. Fomos, ao longo destes anos, pedindo opiniões aqui e além, sem êxito. Nós próprios observámos miudamente a inscrição, com frequência, e não lográmos chegar a uma conclusão

Chegou-nos, até, a sugestão de que poderíamos estar perante um texto árabe. Ainda que a gravação tenha sido feita na pasta fresca, em época romana, portanto, não quisemos deixar de explorar essa hipótese e contactámos, por isso, a Professora Carme Barcelo, da Universidade de Valência, que prontamente nos respondeu, a 9 de Dezembro de 2011:

«En cuanto al peso de telar, la inscripción no es arabe, ni antiguo ni moderno. Se trata de un texto portugues en letra gotica (quizás del siglo XV). Como no soy experta en esta materia, sera mejor consultar algun especialista en epigrafia medieval portuguesa.»

Pelo sim, pelo não, enviámos esta resposta ao Professor Mário Barroca, da Faculdade de Letras do Porto, que em epigrafia medieval portuguesa se especializou, sem, porém, lhe fornecermos – para não suggestionar – os dados do contexto arqueológico claramente romano em que a peça fora encontrada. Também Mário Barroca nos respondeu rapidamente, a 14 de Dezembro:

«Quanto a este peso de tear, não me parece ser medieval. É certo que tem um O losangular, mas só por isso não se pode classificar como sendo do séc. XV. Também não consigo ler nenhuma palavra, e por isso não sei se será um texto em português ou em latim. Pela minha parte não incluiria este peso de tear na Idade Média. Mais depressa recuaria a cronologia [...]» – e apontava de preferência para a época romana.

Estes, pois, os dados em presença: uma escrita cursiva, feita em contexto romano, com as características habituais neste género de epígrafes. Encaramos a possibilidade de uma identificação com *tria nomina*: Q(uintus) · LEIONIVS · SILO, seguido de algo como SILI · S · , na linha 2.² E, nesse caso, o mais normal será estarmos perante o nome do destinatário do lote a cozer.³

Aliciante seria, porém, dado o seu carácter ‘hermético’ incluí-la no tipo de enigmáticas mensagens amorosas que Monique Dondin-Peyre tão bem escarpelizou em ‘fusaiolas’: oferecida pelo apaixonado, levava uma frase curta, passível de interpretação brejeira...⁴ Por exemplo, no nº 2 do corpus de Monique lê-se: IMPL ME / SIC VERSA ME (CIL XIII 10 019¹⁷), frase interpretável com um significado bem concreto: é a fusaiola que solicita que encham o fuso de fibra, para ela, rodando, a tecer como importa; contudo, se, em vez da fusaiola concreta, imaginarmos a frase na boca do cavalheiro que a ofertou, o sentido poderia ser outro: «Engrossa-me» e... «faz-me

² O Q, amplo, parece não oferecer dúvida; o ponto está nítido; L de barra curta; a seguir, C, E ou uma irregularidade da superfície (esta argila tem bastantes grânulos de quartzo); depois do I, um O pequeno, gravado mais acima; N anguloso; V de hastes que se não tocam no vértice; S muito longo, como os demais; SILO perceptível. Na l. 2, SILI afigura-se claro; poderá haver de seguida um ponto, S e ponto.

³ Pensámos em *Licinius*, uma vez que *Leionius* seria um *hapax*; o que está visível no peso oferece, nesse sentido, alguma dificuldade. Interpretar *Sili s(ervus)* não como indicativo do estatuto do eventual *Silo* (por este usar *tria nomina*), mas em jeito de «assinatura» do operário também não seria despendendo.

⁴ Cf. DONDIN-PEYRE (Monique), «Épigraphie et acculturation: l’apport des fusaiolas inscrites», in DESMULLIEZ (Janine) e HOËT-VAN CAUWENBERGHE (Christine) [org.], *Le Monde Romain à travers l’Épigraphie: Méthodes et Pratiques*, Lille, 2005, p. 133-146.

perder a cabeça!» – prenhe de malícia e de perspicaz erotismo!...⁵

Ainda que a «prosaica» menção de antropónimos se nos afigure a mais consentânea com o que nos parece ler, é evidente que não nos repugnaria se pudéssemos navegar aqui nessas mesmas águas do que então chamámos de ‘sedução inteligente’. Na verdade, o ‘ambiente’ é idêntico: fusaiolas e pesos de tear são objectos de corrente uso feminino...

ANTÓNIO J. NUNES MONTEIRO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



⁵ Cf. ENCARNAÇÃO, José d', «A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora», in ANGELI BERTINELLI (Maria Gabriella) e DONATI (Angela) [coord.], *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia* (Atti del Colloquio AIEGL – Borghesi 2007)». Fratelli Lega Editori, Faenza, Set. 2009, p. 26. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/11470>

FRAGMENTO EPIGRAFADO DE ALCÁÇER DO SAL
(*Salacia – Conventus Pacensis*)

Fragmento muito irregular de elemento arquitectónico (?) romano, recolhido, em 2010, nas escavações realizadas na igreja do Espírito Santo, no âmbito da recuperação do Museu Municipal Pedro Nunes, freguesia de Santa Maria do Castelo, em Alcácer do Sal, a 1,20 m de profundidade, a cerca de 10 cm da base de uma lixeira de materiais muçulmanos, em associação a alguns fragmentos de cerâmica comum romana.¹ Foi-lhe atribuído, no Museu Municipal, o nº ALC/IGES 405/10.

É de mármore branco do tipo Estremoz / Vila Viçosa, com venulações acinzentadas. Poderá ter sido, na origem, um elemento arquitectónico; está, porém, partido e foi reutilizado, dado que apresenta, na actual face lateral direita, um alisamento a escopro com 2 cm de largo. Por conseguinte, a não ser esta porção da face epigrafada, nada subsiste das superfícies originais.

¹ Identificou-se uma diacronia ocupacional, com uma potência estratigráfica com mais de dois metros de profundidade, documentando uma ocupação desde os sécs. III/IV a. C. até ao séc. XII, em plena época muçulmana, perdurando a sua ocupação como espaço funerário durante os sécs. XIV/XV a XIX. Apesar das destruições provocadas pelos enterramentos, pôs-se a descoberto um conjunto de estruturas correspondentes a pequenas habitações, poço e níveis de lixeiras; os materiais cerâmicos encontrados permitiram estabelecer uma cronologia para este contexto entre o Emirato e o período califal (séc. IX/X).

Dimensões: (15,5) x (12) x (7,2).

Campo epigráfico: (15) x (12).

[...] CA[...] / [...] [B *vel* P *vel* R]ITIC [*vel* O] [...] / [...]

Altura das letras: l. 1: (2,2); l. 2: 3. Espaços: 2: 1,7; da base do C até final do campo epigráfico: 7,2.

Caracteres actuários, gravados em bisel, com alguma profundidade no sulco, de vértices terminados com requinte (note-se, por exemplo, o vértice inferior do I com pequeno sulco para a direita), a indiciar a existência prévia de linhas de pauta hoje imperceptíveis. Nada pode dizer-se acerca da paginação, a não ser que, atendendo à regularidade do espaço 2, deverá ter sido cuidada, como, aliás, o recorte das letras o dá a entender: talvez apenas o A denuncie (pela obliquidade do travessão) um menor rigor, mas o traçado do C (ou O) é, por exemplo, esteticamente perfeito. A possibilidade de estarmos, por isso, diante de epígrafe para encastrar num edifício, não necessariamente funerário, afigura-se-nos possível.

Na l. 1, antes do C (de que resta menos do que a metade inferior) não temos vestígio de nenhuma letra; do A manteve-se a maior parte, faltando-nos praticamente apenas o vértice. Na l. 2, o sulco curvo pode pertencer, como sugerimos, a três letras, que assim o poderiam ter: B, P ou, com menos probabilidade, R, atendendo ao espaço curto que haveria para o lançamento da perna até ao I; o facto de a fractura ter ocorrido a meio da última letra visível traz-nos a dúvida: tanto O como C são admissíveis. O que se vê, na l. 3, tanto pode ser um ponto triangular (ainda que nenhum traço de letra se observe a seguir) como o vértice superior de alguma; contudo, a ser vértice, o espaço interlinear 3 seria maior do que o 2.

São, por consequência, hipotéticas as reconstituições admissíveis.

Claro que ver no CA inicial a palavra *CAESAR* (por extenso ou abreviado) é deveras aliciante, atendendo, inclusive, à possibilidade de a epígrafe ter um carácter monumental. Nessa ordem de ideias, a palavra da l. 2 situar-se-ia no domínio dos atributos imperiais e postulava-se adjectivo terminado em -ICVS; ora, não se descortina, por enquanto, palavra desse ambiente

honorífico que possa terminar em *-piticus* ou *-biticus*, mesmo que não apontássemos como datação para a epígrafe (somente podemos lançar mão dos falíveis critérios paleográficos) o século I d. C. (que é o que propomos) mas até o século II.

Outro vocábulo pode sugerir-se, lendo O: [HOS]PITIO. Situar-nos-íamos, então, verosimilmente, num texto enquadrável no mundo das relações de hospitalidade; mas nada mais de concreto se poderá aduzir, a não ser que o fragmento, pelo seu carácter invulgar, pertenceria a inscrição também não muito comum.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
MARISOL FERREIRA

